

Washington Post também abre espaço a animador

CLAUDIO LESSA
Correspondente

O jornal **Washington Post** não mostrou tanto entusiasmo quanto o **New York Times** com a candidatura do animador de TV e empresário Sílvio Santos, que anunciou sua disposição de transformar o Brasil num "Baú da Felicidade", um dia depois do jornal nova-iorquino, e com apenas uma chamada de quatro linhas na primeira página, que chama a atenção para a "confusão criada no Brasil" com sua candidatura e pelo fato de ter obtido a "liderança na mais recente pesquisa de opinião".

PÂNICO

A matéria, nas páginas internas, tem quatro colunas e traz uma foto de Sílvio datada de 1985 durante "um popular programa de televisão que se tornou a rampa de lançamento da sua candidatura à Presidência", fato que disseminou o "pânico" entre os outros candidatos, "na medida em que uma pesquisa publicada 13 dias antes das eleições mostra o neófito político liderando as preferências".

A candidatura de Santos "coloca nossa democracia em risco" e é o trabalho de "uma verdadeira gangue" liderada por Sarney, disse Fernando Collor de Mello, o ex-líder das pesquisas, a Mac Margolis, correspondente do **Washington Post**. Collor e os outros candidatos, de direita, centro e esquerda pretendem a impugnação da candidatura de Sílvio Santos com base numa lei que exige que executivos de empresas operadas sob concessão governamental, como estações de televisão, se incompatibilizem pelo menos três meses antes do pleito.

SEM MEMÓRIA

O correspondente do **Washington Post** retrata Sílvio Santos, "58 anos, cujo verdadeiro nome é Senhor Abravanel", como alguém que "vendeu canetas na rua quando criança, e conseguiu, na conversa, sair do reformatório para um emprego num estúdio de rádio".

A matéria também faz referência ao primeiro encontro de Sílvio Santos com os jornalistas,

no qual ele "tropeçou nas perguntas dos repórteres sobre seus planos para o governo e finalmente admitiu que não tinha plano algum. "Como eu posso explicar um plano quando eu não tenho um?", respondeu ele.

Carlos Augusto Montenegro, diretor do Ibope, disse ao correspondente do **Washington Post** que "num país como o Brasil, onde não houve eleição direta para presidente em 30 anos, a memória política não existe. E o aparecimento de uma personalidade forte pode mudar tudo", acrescentando que "outro fator desconhecido" no pleito será a necessidade de os eleitores marcarem, na cédula, o nome de Armando Corrêa, o candidato do PMB substituído "na undécima hora" por Sílvio Santos.

A matéria de Mac Margolis traz ainda o depoimento do cientista político Alexandre de Barros: "A manobra para promover Sílvio Santos mostra um tremendo desrespeito por parte da elite política com relação ao povo brasileiro. (...) A elite brasileira quer democracia pela metade".